

O futuro para a língua portuguesa em Timor-Leste

TESE DE LICENCIATURA



Nome: Ceres Ririassa

Número de Estudante: 3761037

Licenciatura: Língua e Cultura Portuguesa

Universidade: Universidade de Utreque e Universidade de Leida

Orientador: Prof. M.W. Child

Data de Entrega: 16 de junho 2016

Verklaring intellectueel eigendom

De Universiteit Utrecht definieert het verschijnsel “plagiaat” als volgt:

Van plagiaat is sprake bij het in een scriptie of ander werkstuk gegevens of tekstgedeelten van anderen overnemen zonder bronvermelding. Onder plagiaat valt onder meer:

- Het knippen en plakken van tekst van digitale bronnen zoals encyclopedieën of digitale tijdschriften zonder aanhalingstekens en verwijzing;
- het knippen en plakken van teksten van het internet zonder aanhalingstekens en verwijzing; Het overnemen van gedrukt materiaal zoals boeken, tijdschriften of encyclopedieën zonder aanhalingstekens of verwijzing;
- Het opnemen van een vertaling van bovengenoemde teksten zonder aanhalingstekens en verwijzing;
- Het parafraseren van bovengenoemde teksten zonder verwijzing. Een parafraze mag nooit bestaan uit louter vervangen van enkele woorden door synoniemen;
- Het overnemen van beeld-, geluids- of testmateriaal van anderen zonder verwijzing en zodoende laten doorgaan voor eigen werk;
- Het overnemen van werk van andere studenten en dit laten doorgaan voor eigen werk. Indien dit gebeurt met toestemming van de andere student is de laatste medeplichtig aan plagiaat;
- ook wanneer in een gezamenlijk werkstuk door een van de auteurs plagiaat wordt gepleegd, zijn de andere auteurs medeplichtig aan plagiaat, indien zij hadden kunnen of moeten weten dat de ander plagiaat pleegde;
- Het indienen van werkstukken die verworven zijn van een commerciële instelling (zoals een internetsite met uittreksels of papers) of die tegen betaling door iemand anders zijn geschreven.

Ik heb de bovenstaande definitie van het verschijnsel “plagiaat” zorgvuldig gelezen, en verklaar hierbij dat ik mij in het aangehechte essay / werkstuk niet schuldig heb gemaakt aan plagiaat.

Naam: Ceres Ririassa

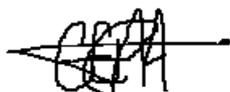
Studentnummer: 3761037

Titel: *O futuro para a língua portuguesa em Timor-Leste*

Plaats: Utrecht

Datum: 16 juni 2016

Handtekening:



Prefácio

Como uma das últimas estudantes da licenciatura “Língua e Cultura Portuguesa” na Universidade de Utreque, queria enfatizar o facto que serei uma das últimas que poderia receber este diploma. Este pensamento e a ideia de obtê-lo conferem um sentimento especial.

Não conseguiria sem as aulas divertidas e interessantes das minhas professoras, agradeço-vos, Dr^a Lurdes Meijer, Dr^a Paula Jordão, Dr^a Marian Schoenmakers-Klein Gunnewiek e Dr^a Vera Peixoto.

Agradeço ao meu orientador de tese, Dr. Mike Child por sua paciência, ajuda e inspiração. Sem as nossas conversas não poderia ter terminado a tese.

Agradeço à Rafaela, à Willemijn e ao Mark pelo semestre incrível em Coimbra. Foi um prazer experimentar o Erasmus com vocês.

Agradeço ao Joaquim, pelo seu esforço para corrigir o meu trabalho, na última hora.

Ao final, agradeço aos meus queridos, a minha família e os meus amigos. Em especial os meus pais, que sempre me apoiaram e tiveram confiança em mim. E claro, o meu namorado Miguel, pela sua paciência cada vez quando chegava a casa e viu os montões de livros, espalhados a casa.

Resumo

Esta tese relacionar-se-á com a situação linguística na Ásia e, em particular, com Timor-Leste. Aí ainda se fala, ou seja uma parte da população fala uma variedade do português, mais um crioulo de base portuguesa. O objetivo é analisar aquela situação linguística, em que pretendo dar conta da herança dos portugueses, bem como com o futuro por as línguas influenciadas pela língua portuguesa. Tratarei da história de Timor-Leste, em que discutirei o processo da formação dos crioulos de base portuguesa aí, e a variedade de português que se fala. Por meio duma análise linguística queria mostrar os traços da língua portuguesa, e explicar o que se faz para mantê-la. De várias línguas influídas pela língua portuguesa na Ásia, algumas já não existem por diversas razões. Portanto, o que me interessa particularmente é investigar se o português tem futura em Timor-Leste.

Palavras-chave: Timor-Leste, crioulo, Ásia, herança portuguesa, futuro, língua Tétum, ensino

Abstract

This thesis relates to the linguistic situation in Asia, in particular to East-Timor. Untill today, at least a small part of the population speaks a variety of the Portuguese language, as well as a Portuguese-based creole. The purpose of this work is to analyze this linguistic situation. I will take into account the Portuguese heritage, as well as the future of the languages influenced by the Portuguese language. The history of East Timor will be discussed, where I will take notice of the Portuguese-based creoles and the Portuguese variety spoken in that area. By means of a linguistic analysis I will justify traces of the Portuguese language and explain what measures are taken to maintain these traces.

Of the many languages in Asia influenced by the Portuguese language, some have disappeared for different reasons. Therefore, I'm greatly interested in analyzing if the Portuguese language will have a future in East Timor.

Key-words: East Timor, creole, Asia, Portuguese heritage, future, Tétum language, education

Índice

	página
Declaração “Intellectueel eigendom”	i
Prefácio	ii
Resumo	iii
Índice	1
1. Introdução	2
Parte I	3
2. Contextualização histórico-geográfico: a expansão da língua portuguesa durante a busca às especiarias no Leste.....	4
2.1 Expansão ultramarina	4
2.2 O português pelo mundo: a consequência da colonização	5
2.3 Crioulos de base portuguesa na Ásia	7
3. A língua portuguesa na Ásia: o caso de Timor-Leste	8
3.1 Variedades de português na Ásia	8
3.2 O caso de Timor-Leste	9
Parte II	12
4. Uma análise linguística: a influência da língua portuguesa no Timor-Leste	13
4.1 Estudos à situação em Timor-Leste	14
4.2 A influência linguística	14
5. O ensino de português no Timor-Leste	18
5.1 Os desenvolvimentos durante anos	18
5.2 Dificuldades no ensino	22
5.3 Renovação no ensino	23
Parte III	27
6. O futuro para as a língua portuguesa no Timor-Leste. Extinção ou preservação?	28
6.1 Um processo lento	28
6.2 O papel do governo	29
6.3 O futuro	30
7. Conclusão	31
Bibliografia	32
Anexos	34

1. Introdução

A língua portuguesa é uma das línguas mais faladas no mundo: segundo as últimas estatísticas pertence à cimeira com mais de 216 milhões de falantes. Destes falantes apenas 5% vive em Portugal. A maioria situa-se em países que mantêm uma relação histórica, do qual a língua portuguesa é evidente da presença portuguesa. Por décadas diversas gerações falam o português, tanto como na forma de Português Europeu, como nas variedades. Esse mundo lusófono, partilha uma língua mesma, apesar das culturas diferentes.

Esta tese focaliza-se num país possivelmente pouco conhecido. Timor-Leste, uma pequena nação com acerca 1,6 milhões de habitantes, é um recém-chegado no mundo lusófono. Obteve a sua independência, após anos de ocupação indonésia e a partir daquele momento enfrentou o seu maior desafio: a reconstrução do país. Um dos aspetos que pede grande atenção é a situação linguística. Timor-Leste é apenas um pequeno território na Ásia, onde se fala português: a expansão da língua portuguesa já deixou a sua marca em várias línguas no continente.

Por meia deste trabalho será feito uma análise na situação sociolinguística em Timor-Leste. Quer dizer, examinaremos a situação a partir da chegada dos portugueses, até as consequências linguísticas atuais. Ou seja, que a implementação da língua portuguesa pelos portugueses ainda é visível, é um dado certo. Mas a pergunta que deveríamos perguntamo-nos é por quanto tempo será.

A tese está dividida em três partes, as quais juntas irão mapear a influência da língua portuguesa. Trataremos a história do país, analisaremos as línguas faladas aí, examinaremos a política atual em luz da preservação da língua portuguesa até chegamos à resposta à questão de pesquisa:

Qual é o futuro para a língua portuguesa em Timor-Leste?

PARTE I

As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.
- Fernando Pessoa

2. Contextualização histórico-geográfica: a expansão da língua portuguesa a partir dos descobrimentos

Portugal, uma das nações mais antigas da Europa, tem uma história rica; de construção do reino, em 1139, após épocas da dominação castelhana, e a expansão marítima, dos séculos XV até o fim de uma época de ditadura. Em especial a expansão e, em consequência disso, a colonização mundial deixarão as suas marcas na história portuguesa.

2.1 Expansão ultramarina

Durante décadas, o país tentou crescer através de conquistas territoriais, para criar uma nação poderosa. Quando aquela estratégia não foi ditosa, deviam tê-la mudado. Por fim, a acumulação de acontecimentos dos séculos XV, como a depressão económica, o declínio das zonas rurais, a necessidade de afirmação nacional e consolidação da nova monarquia, impeliram o reino para os descobrimentos e conquistas dos séculos XV e XVI (Cardeira,2006,p.65). Para o bem ou para o mal, o país preparava-se para uma expansão ultramarina. Os portugueses foram os pioneiros da expansão colonial europeia e abriram caminho aos holandeses, aos ingleses e aos franceses que, de uma ou outra maneira, seguiram a sua pegada (Boxter,2002,p.95). Esperavam encontrar produtos exóticos, como especiarias e, por outro lado, ouro, para ter benefícios económicos dessas actividades, em relação a outras economias europeias. Ou seja, como Fausto (1999) explica em *A concise history of Brazil*, para os comerciantes a expansão ofereceu o prospecto de riqueza. Para o rei era uma oportunidade de criar novas fontes de rendimento (p.2).

Inaugurada com a conquista de Ceuta na África de Norte, em 1415, Portugal deu um passo em frente em direção de uma aventura marítima. Logo começaria a expansão do reino pelo mar: apenas três anos após a primeira conquista, os primeiros navios chegaram à ilha de Porto Santo e este acontecimento é considerado o início da sequência de descobrimentos ditosos. Mais expedições foram preparadas e atrás dos descobrimentos na África, do Cabo Bojador, em 1434, e de Cabo da Boa Esperança, em 1488, por exemplo, os portugueses navegaram para outros continentes. Finalmente, foi Vasco da Gama quem entrou pelos mares Asiáticos e chegou à Índia, Goa, em 1510, o primeiro ponto na Ásia onde descobriam os portugueses mais pontos onde poderiam estabelecer comércio. Em seguida planejaram uma rota na Ásia em busca de especiarias.

Enquanto o comércio esteve focalizado na Ásia, uma das expedições sob a direção de Pedro Álvares Cabral, navegou na direção ocidental. A chegada à terra, em 1500, pareceu uma grande conquista portuguesa; descobriram o Brasil. Sem intenção descobriram os portugueses terra onde pau, açúcar e, mais tarde, ouro pareciam produtos comerciais.

A época de descobrimentos desempenhava um grande papel na história de país e contribuiu para

uma economia estável naquela época. Mas, talvez o mais importante: a expansão marítima amplificou o contacto entre os portugueses e os habitantes dos países descobertos. Os portugueses descobriam novas terras, novas línguas, novas realidades: animais, plantas, frutos desconhecidos eram trazidos para Portugal. E com os novos produtos chegavam, também, as suas designações originais (Cardeira,2006,p.67). No Brasil, por exemplo, a influência das tribos indígenas Tupi-Guarani está visível no léxico de português falado hoje em dia. Cardeira dá exemplos como ananás, amendoim ou cacau que fazem parte do vocabulário que se usa em Portugal hoje em dia, enquanto outras pertencem ao léxico estritamente usado no Português do Brasil.

Do outro lado do oceano, os traços asiáticos estão presentes na cultura, por exemplo, na cozinha pelas especiarias e pelas receitas asiáticas, e como o Brasil também no léxico português. Mesmo que as influências se encontrem em mais domínios, os traços linguísticos são, talvez, os mais presentes.

O contato entre os portugueses e os habitantes originais amplificou-se, quando aquelas terras descobertas foram colonizadas por Portugal. Embora, não só os indígenas influíram na língua e na cultura portuguesa: na verdade os portugueses implementaram a sua presença nas terras novas. Quer no domínio da língua, quer na cultura. Neste ponto, o motivo da expansão não só era comercial, como foi acompanhado por um movimento de evangelização. O intercurso comercial e a ação evangelizadora tornam o Português um símbolo de cultura cristã e língua franca de marinheiros, mercadores, missionários, europeus e não europeus (Cardeira,2006,p.68).

Sendo assim, a língua dos conquistadores, tornou-se a língua principal que obteve preferência e que ultrapassava as línguas já extintas: foi a língua de expansão, veículo de dilatação da fé e do império.

2.2 O português pelo mundo: a consequência da colonização

Durante décadas, os portugueses dominaram e influíram nas suas colónias de África, da Ásia e do Brasil. Em cada território a língua nativa estava influída pelo português, ou seja, foram criadas novas línguas de comércio. Era preciso estabelecer comunicação entre os portugueses e as populações locais. As primeiras línguas de contacto foram as «línguas francas», ou línguas de comércio. Uma língua franca é uma língua utilizada por falantes de diferentes línguas para comunicar nas suas relações sociais, diplomáticas e comerciais (Mateus,2006,p.98).

Ainda hoje em dia, o português é um das línguas mais faladas no mundo. Fora de Portugal há, por exemplo, falantes no Brasil, o maior país da América-Latina e também na África, ainda se fala Português em Angola e em Moçambique. Porém, como o tempo passou, a língua portuguesa alterou-se tanto nas formas da língua como nos estatutos diferenciados. Quer dizer que a influência da língua portuguesa ainda é considerável pelos falantes no mundo, mas não só como língua portuguesa. O

conceito «língua» na linguística faz distinções, pelo qual podemos falar sob a língua portuguesa como língua materna, língua segunda, língua estrangeira, língua oficial, ou língua de trabalho, para referir apenas alguns exemplos (Mateus,2006,p.23). À luz das diversas formas mencionadas, em relação aos descobrimentos, seguem descrições de algumas situações atuais de português. Fala-se dos exemplos seguintes, tirados de Só Português (“Português no mundo”,s.d.), como;

«língua nacional», em que o português serve como a língua falada num restringido território. Ou seja, a língua está relacionada com a consciência nacional. O português em Portugal e no Brasil é , além do mais, língua nacional. Porém, o português falado no Brasil é distinto do português de Portugal. Durante o período colonial, o português falado no Brasil foi influenciado pelas línguas indígenas, africanas e de imigrantes europeus. Isso explica as diferenças regionais na pronúncia e no vocabulário verificadas, por exemplo, no nordeste e no sul do país. Apesar disso, a língua conserva a uniformidade gramatical em todo o território.

«língua oficial» Neste caso a língua portuguesa é utilizada na escolarização e nos contactos administrativos, oficiais e internacionais dos elementos de uma sociedade para quem pode ser, ou não, língua materna (Mateus,2006,p.98). Ou seja, tem estatuto oficial sob outras línguas faladas naquela região. Moçambique é um dos países onde se fala mais de uma língua; de diversas línguas usadas naquele país africano, debaixo de qual línguas locais, o português é considerado língua oficial. Angola tem uma situação igual: 60% dos moradores falam o português como língua materna, onde está também tem estatuto de língua oficial. Cerca de 40% da população fala dialetos crioulos como o *bacongo*, o *quimbundo*, o *ovibundo* e o *chacue*.

«crioulo» Esta forma é investigada em diversos trabalhos de linguísticos, como Holm, Bickerton e Mufwene. Mesmo que o estudo aos crioulos seja complicado, devido aos livros e trabalhos que existem, e não é fácil determinar uma significação que abrange o conceito inteiro, podemos aproximar o crioulo como um

“ idioma que adquiriu falantes nativos, normalmente descendentes de falantes de *pidgins*, que cresceram usando este como sua primeira língua. A extensão do âmbito do seu uso, nestas circunstâncias, faz com que, tipicamente, os crioulos tenham um vocabulário mais extenso e diversificado e recursos gramaticais mais complexos.” (Santos, junho 2013)

Existem vários crioulos, depende da língua socialmente dominante, ou seja, a língua de substrato. A Inglaterra, por exemplo, antigamente dominava nas suas colónias, onde se formaram crioulos de base de inglês (c.f. crioulo jamaicano-inglês) e também o espanhol e o francês têm a sua presença em

alguns crioulos.

No caso de crioulos de base portuguesa, muitas variações sobreviveram, até hoje em dia. Apesar de o estudo a cada crioulo mereça atenção, focalizarmos-mos neste trabalho aos da Ásia.

2.3 Crioulos de base portuguesa na Ásia

Entre os crioulos de base portuguesa podemos, distinguir uns dos outros; de Indo-Português, de Sri Lanka, o Papia Kristang, o Macanese e os de Malaio-português. A verdade é que

“O século XVI no Oriente é todo português Formou-se então em todos os portos onde chegava o tráfico da nossa gente uma “língua franca” ou português simplificado –indo-português e malaio-português, segundo as regiões em que se falava, principalmente – que servia para essas relações comerciais. Assim se supria a dificuldade de saber tantas línguas. Esse português não era uniforme , antes reflectia a variedade das gentes e das línguas. Essa língua que nascera no século XVI só se extinguiu no princípio do século XIX com o advento da supremacia política e comercial da Inglaterra. Durante esses séculos ela foi a língua de comunicação dos Europeus com os naturais dos diferentes países, e até dos Europeus entre si quando falavam diferentes línguas. E não morreu inteiramente até os nossos dias; ela vive aqui e acolá na forma dos vários crioulos” (Lopes, 1936, p.34-35).

No próximo capítulo iremos ver em detalha a influência específica da língua portuguesa na Ásia, tanto na forma de crioulos como na forma da língua oficial.

3. A língua portuguesa na Ásia: o caso de Timor-Leste

A influência portuguesa no domínio das línguas na Ásia foi grande após os descobrimentos. O que nós lembramos naquele período são os traços portugueses nas línguas asiáticas, visíveis no léxico, por exemplo e, sobretudo, nos crioulos de base portuguesa. Obviamente, não todas as línguas e traços sobreviveram. Cada vez mais, vemos a língua portuguesa a reduzir-se no continente asiático; onde antigamente diversas comunidades falavam português, atualmente apenas pequenos grupos – geralmente isolados –, têm conhecimento dessa língua.

3.1 Variedades de português na Ásia

O português no Oriente, usado como língua franca, lembra-nos a um país outrora poderoso. Na maior parte sobreviveu na forma dum crioulo, os quais quase todos já estão extintos: Anexo 1 mostra os crioulos de base portuguesa. O que ficou até hoje em dia é escasso, porém é interessante ver como a língua portuguesa se misturou na Ásia.

Há crioulos que desapareceram na sua totalidade, como aconteceu com o crioulo de «Jacarta-Tugu». Até o início do séc.XX, uma forma corrupta do português foi falada pela população cristã em Tugu. Quando o último falante desta língua morreu em 1978, já não foi possível praticar aquele crioulo (Ramerini, s.d.)

Outros crioulos que sofreram o mesmo destino, ou vão no futuro, são por exemplo os de Diu, Bombaim (Índia), Java e Flores (Indonésia). No entanto, ao outro lado existem casos em que traços dum crioulo sobreviveram num outro. Um destes casos é o «Ternatenho», um crioulo extinto falado nas ilhas Molucas. Quando os últimos falantes de ternatenho, as *Mardikas*, migraram para Malásia, este crioulo nas Molucas deixou de existir. O Ternatenho não sobreviveu como crioulo, mas em contrapartida uma pequena parte do léxico não foi perdida. Num trabalho de Paramita Abdurachman, parece que entre 200-207 palavras portuguesas ainda existem no crioulo Ambon-Malaio, um crioulo falado atualmente nas Molucas. Em sua *Some loanwords in the vocabulary of speakers of ambonese malay in christian villages of central Moluccas* (1974) descreve como os empréstimos portugueses chegaram no crioulo de Ambon-Malaio. Na lista encontramos palavras como *antero* (inteiro), *cinela* (chinela), *kadera* (cadeira), *geros* (grosso), *minggu* (domingo) e *kutang* (cotão), que obviamente têm a sua origem na língua portuguesa.

De todas as línguas que se formaram pelo contacto comercial, só algumas sobreviveram. Se vissemos aos crioulos, podemos notar que os de Korlai, Ceilão e de Malaca, o Papia Kristang, ainda são falados pelas pequenas comunidades. O Papia Kristang, por exemplo, tem 1000 falantes. 80% da geração velha ainda fala Kirstang regularmente e hoje em dia mesmo, há falantes em Singapore e

Kuala Lumpur. Na estrutura gramatical podemos ver muitas semelhanças com o Malaio, mas o vocabulário é derivado do português em 95% (Ramerini, s.d.). Do crioulo de Ceilão em comparação, é conhecido que este crioulo só é falado em casa.

Finalmente, há comunidades onde o português ainda vive. Em Macau, uma província anterior de Portugal, o português ainda é língua oficial. Infelizmente as cidadãos macaenses perderam muito o prestígio que o português tinha, causando que o chinês e o inglês são línguas mais ouvidas nas ruas. Ou seja, o chinês e o inglês são consideradas como línguas de trabalho. Numa conversa de Salek (2002) com Luís Rocha, habitante de Macau, parece que

“Na verdade, o português só foi realmente importante em Macau nos séculos XVI e XVII, quando era a língua franca da Ásia. Depois disso, a presença portuguesa nunca foi superior a 5% da população de Macau e apenas uma pequena parcela da população chinesa falava o português. Mas o que se vê, desde 1993, é uma redução ainda maior do papel do português em Macau, com exceção da administração pública que ainda incentiva o estudo e o uso do português ao lado do chinês”.

Macau nunca foi uma prioridade política e diplomática portuguesa, ter por consequência que a influência portuguesa não resistiu (Salek,2002). Rocha continua, que: “existe um patrimônio histórico e cultural aqui muito importante. Mas esse patrimônio não pode ser apenas de fachada e, infelizmente, existe o risco de o português só ser falado por um pequeno grupo. O português está nas placas, nos prédios, mas essa fachada de nada serve se ninguém entende o português.”

Ou seja, se o governo não empreendesse ação, o português será uma língua do passado. Portanto, o português sobreviveu, mas a questão é por quanto tempo. É uma questão que também se refere à situação dum outro país onde o português tem uma posição instável: Timor-Leste.

3.2 O caso de Timor-Leste

Timor-Leste é uma nação bastante jovem, que tem uma história interessante e complexa por um país pequeno. Localizada no Oceano Índico e rodeado pelas ilhas de Indonésia e Austrália, é uma região praticamente desconhecida.

A expansão ultramarina trouxe os portugueses até o território de Timor-Leste, em busca de especiarias e em especial madeira de sândalo. Os primeiros contactos de Portugal com Timor datam do começo do século XVI; com base segura estabelecida em Malaca, Malásia, podiam os portugueses aventurar-se mais regularmente às Molucas e a Timor, comerciando os produtos exóticos (Cristóvão et al.,2005,p.520). Durante a época das colónias a ilha de Timor também foi anexada pelos holandeses,

que ocuparam a parte ocidental da ilha. Hoje em dia, a ilha de Timor é dividida em duas partes: Timor-Leste e Timor-Oeste. Para este trabalho só nós focalizaremos a parte sob poder português, ou seja, se falássemos de Timor é a parte de Leste.

Por décadas os portugueses dominaram o território de Timor-Leste, até uma mudança no regime político em Portugal provocou a das suas colónias em 1974. Cristovão et al. descrevem a situação assim:

“Dentro de Timor surgiram três partidos políticos: a União Democrática Timorese (UDT), defensora de uma autonomia progressiva, a Associação Social Democrática Timorese (ASDT) que, radicalizadas as suas posições, apoiadas nas ideias do sargento Nicolau Lobato se transformaria na Frente de Timor-Leste Independente (FRETILIN) e a Associação Popular Democrática de Timor (APODETI). O futuro de Timor estava nas mãos dos partidos que tiveram os seus próprios motivos e seus planos para um estado autónomo. O que deveria significar um novo início, após décadas de ocupação, resultou em mais perturbações: o UDT encenou um golpe de Estado, depois do qual o FRETILIN respondeu com um contra-golpe que veio a desencadear uma guerra civil, à qual a administração portuguesa não conseguiu fazer frente, abandonando a ilha.

O território fragmentado foi observado pela Indonésia e, no dia 7 de Dezembro, a Indonésia invadiu e ocupou a mesma. A resistência ao novo ocupante cresceu durante os anos da ocupação e a esperança do povo demorou até os anos 1999; o novo líder, sucessor de general Suharto, permitiu um referendo em Timor Leste, no qual o povo poderia optar entre a integração ou a autonomia. E aconteceu assim: no dia 4 de Setembro foram anunciados os resultados. Quase 80% da população escolheu a independência, após isto a independência é oficialmente proclamada em 2002” (2005,p.522).

As ocupações por Portugal e pela Indonésia deixaram as suas marcas na nação jovem, em especial, no domínio de língua. É um domínio tão complexo, por falta de uma identidade coletiva: por presença de 30 diferentes “grupos etnolinguísticos” no país, a população considerava-se de um grupo, composto de unidades menores com diferentes orientações políticas e sociais e ainda com línguas diferentes.

Devido á presença prolongada dos portugueses, a língua portuguesa foi implementada no território e obteve uma posição importante no país. Após a invasão indonésia, os timorenses usaram o português e o Tétum, língua veicular, como línguas de resistência. Todavia, o português nunca se tornou língua de comunicação quotidiana, nem língua de contacto entre os grupos etnolinguísticos. Até 1975 apenas 5% da população se podia exprimir em português e talvez menos de metade se comunica

na mesma língua, oscilando esta apenas da elite administrativa para clero católico (Araújo s.d.). Ou seja, o português, durante anos, conviveu com uma situação de grande fragmentação linguística: uma vintena de línguas locais com significativas diferenças linguísticas e uma língua comum- o Tétum. (Cristovão, et al.,2005,p.614).

Seja como for, o português faz parte da história de Timor-Leste. Na próxima parte vamos ver em detalha a influência de português na variedade de português de Timor-Leste e a lingua franca Tétum.

PARTE II

A memória é a consciência inserida no tempo.
- Fernando Pessoa

4. Uma análise linguística: a influência da língua portuguesa em Timor-Leste

Timor-Leste parece um mosaico complexo se vissemos às línguas faladas. Há 12 línguas indígenas, 4 austronésias e 8 não-austronésias, que podemos dividir em 35 dialetos e sub-dialetos, assim Lutz no seu paper (1995). Como já mencionado, as duas línguas mais importantes são o Português e o Tétum, ambas línguas oficiais no país. Nas palavras do então Presidente da República, Xanana Gusmão:

“A opção política de natureza estratégica que Timor-Leste concretizou com a consagração constitucional do Português como língua oficial a par com a língua nacional, o tétum, reflecte a afirmação da nossa identidade pela diferença que se impôs ao mundo e, em particular, na nossa região onde, deve-se dizer, existem também similares e vínculos de carácter étnico e cultural, com os vizinhos mais próximos. Manter esta identidade é vital para consolidar a soberania nacional” (Pires, 2013, p.6).

Contudo, a fragmentação do país pelos ocupantes em vários domínios leva a língua portuguesa numa posição instável. A atitude em relação ao português mudou durante anos, ou seja, Timor-Leste foi alvo de dois tipos de colonialismo que marcaram e definiram as diferenças e características das diferentes três gerações (Soares, 2014).

Docente de língua portuguesa, Valente de Araújo, na sua publicação *A Língua Portuguesa em Timor-Leste no âmbito da CPLP* (s.d.), esclareceu os desafios acerca do português em Timor-Leste, hoje em dia. Ele diz que: “A língua portuguesa é falada apenas por 5% dos timorenses e, desses, poucos a falam corretamente e ainda o português é uma língua que nunca foi falada pela maioria da população.”

E, ainda por cima, a importância das outras línguas, designadamente as do comércio e do trabalho, ganharam terreno no país. Continua: “A nova geração, fala a bahasa indonésia no seu dia-a-dia e o português é uma língua estrangeira que essa geração não fala e nem entende; o inglês é uma língua que garante o desenvolvimento económico e tecnológico”.

Como uma população vai apreciar e manter uma língua, faz parte da maneira como o governo estimula o uso daquela língua. No caso de português, o tempo e os acontecimentos durante anos formaram o estatuto do português, causando que a língua não tem a mesma significação para todos os habitantes de Timor-Leste. Ou seja, o ensino do português determina o futuro da língua. Vamos discutir esse tópico no próximo capítulo; primeiramente analisaremos a situação linguística em luz do

património português.

4.1 Estudos à situação em Timor-Leste

O estudo da situação da influência portuguesa em Timor-Leste ainda é bastante recente. Os primeiros estudiosos que apresentaram informação foram Hugo Schuchardt, Vaquinhas (1882) e Vigário Geral de Timor (1885), que todos tiveram diferentes opiniões sobre o estatuto da língua; seja crioulo ou apenas uma forma corrupta do português. Ou seja, não distinguiram as formas que agora conhecemos como o Crioulo português de Bidau (CPB) e o Português de Timor-Leste (PTL). Décadas depois, após tentativas de Vasconcelos (1970) de encontrar as distinções, foi o prof. Luiz Thomaz (1974) que publicou o primeiro trabalho em que fez esta distinção, assim Albuquerque no seu trabalho *O elemento Luso-Timorense no português de Timor Leste* (2011).

Somente nos últimos anos é que a variedade do PTL despertou maior interesse dos linguistas. Linguístas como Carvalho (2001, '02/'03), Brito (2002,2004) e Albuquerque 2010 publicaram estudos, focalizando tanto às questões sociolinguísticas, como os diversos níveis de análise linguística. (Albuquerque,2011).

4.2 A influência linguística

Na secção seguinte vamos analisar alguns dados linguísticos de PTL, bem como os crioulos influídos pelo português. Sabendo que esta situação linguística tão complexa e interessante merece um estudo detalhado, trataremos neste caso apenas uma pequena parte.

O **léxico** de PTL basicamente consiste em lexemas do português falado no século XVI, quando os colonizadores chegaram. No PE atual estes lexemas não são mais usados, ou sofreram mudanças semânticas (Albuquerque, 2011,p.239). Seguem-se alguns exemplos de *português quinhentista*, ou seja o português falado no séc. XVI, tirados de um paper de Albuquerque (2010^a);

- (1) *carreta* usado também com o significado de 'arado' e 'qualquer tipo de aparelho puxado por carro (PE) tração' seja ela animal ou mecânica;
- (2) *tabaqueira* 'recipiente artesanal para guardar cigarros' *cigarro* (PE)
- (3) *chumaço* 'almofada, travesseiro'

Os exemplos (1) e (2) mostram que o léxico não mudou durante os anos, como normalmente

acontece com línguas vivas. Porque somente 5% da população no Timor-Leste usa o português como língua diária, e a maioria vive nas zonas isoladas, não há espaço para a língua se desenvolver. No exemplo (3) podemos ver que a população ainda usa uma palavra já extinta no PE.

Contudo, em contraste da forma mencionada em cima, existem também mudanças semânticas. Ou seja, quando se analisa dados de povos diferentes, outros conceitos mais recentes também servem para descrever certas mudanças semânticas que afetam o léxico duma língua. No caso do PTL, são eles: a substituição por tabu e contato de línguas (Albuquerque, 2010^a, p.236). Alguns exemplos:

- (4) *colega* ‘tratamento entre amigos íntimos de mesma idade, ou de idade aproximada’, este lexema sofreu restrição semântica, já que se refere apenas a um tipo específico de amizade
- (5) *bazar* ‘mercado popular, feira’ (do persa, via malaio), restrição semântica do significado apenas à ‘feira’, já que o lexema mercado é que refere-se a ‘supermercados’ ou ‘estabelecimentos maiores de vendas (Albuquerque)

Em segunda, produziram-se mudanças na **fonologia**, que são bem visíveis em relação às palatais se comparássemos o PTL com o PE. Alguns exemplos tirados dum outro trabalho de Albuquerque, *Peculiaridades prosódicas do português falado em Timor Leste* (2010b) :

- (6) $\Sigma > s$
 chegar [se'.ga] ~ ['sØe.ga]
 chá [sØa] bicho ['bi.sØu]
- (7) $v > b$
 livro ['li.b|u]
 ouvir ['O.bi] ~ [O.'bi]
- (8) $e > i$
 chave ['sØa.bi]
 escola [is.'kO.la] ~ [iΣ.'kOla]

Outros fenômenos, segundo um trabalho de Carvalho, *Timor Lorosa'e, características das Línguas Crioulas e do Português conservado na zona — Contribuição para a Língua oficial na zona — Contribuição para a Língua oficial* (s.d.), comum a variedades do Português Europeu Contemporâneo e a outros membros da CPLP:

(9) *monotongação* de -ei- → -e-, -i-

manteiga [man.'te.ga]

madeira [ma.'de.|a]

vassoura [ba.'sO.|a]

(10) *dissimilação*:

pequenino → [pe,qui,ni,no] (Malaca, Oecusse, Bidau, variedades do Português Europeu Contemporâneo e outros membros da CPLP)

formosura → [fer,mo,su,ra] (Malaca, Bidau e português medieval / período clássico inicial)

Nos exemplos (6) até (10), tirados de Albuquerque (2010) e de Carvalho (s.d.,p.225) podemos ver mudanças que não só existem no PTL, mas que passaram também em outros crioulos e variedades de português, tanto nos outros crioulos na Ásia como o Crioulo Português de Macau e de Malaca, como o Português do Brasil (PB). As línguas locais tiveram grande influência no português, ou seja, a igualdade em mudanças linguísticas no mundo deve ser atribuída às características que algumas línguas têm em comum, falando do sistema fonológico.

Para terminar, vamos ver uma situação característica da língua Tétum: os **adjetivos**. Em Tétum, os adjetivos, “tal como os substantivos, são invariáveis em género e número” (Costa,2001,p.24). Em outras palavras, contrariamente ao PE, os adjetivos não precisam de concordar com o nome que qualificam. Em seguinte, alguns exemplos tirados do trabalho de Choupina, que fez um estudo às *Reflexões sobre o género em português europeu e em Tétum*:

(10) a) Aman lori oan mane ba iskola *modok*.

(O pai leva o filho à escola amarela)

b) Aman lori oan mane ba uma kafé *modok*.

(O pai leva o filho ao café amarelo.)

(11) a) Liurai katuas laran *luak*.

(O rei idoso é bondoso)

b) Liurai (feto) ferik laran *luak*.

(A rainha idosa é bondosa)

Os exemplos (10) e (11) confirmam a falta das regras como existem no PE. Em caso de número e género, o adjetivo toma a forma Singular ou Plural, e Masculino ou Feminino do substantivo que ela

qualifica (Cunha e Cintra,2010,p.252); isso não é o caso de Tétum.

Concluindo, vimos alguns exemplos da influência portuguesa às variedades de português falado em Timor-Leste. Quer no léxico, quer no fonologia: os traços são visíveis nas línguas hoje em dia. Mas, provavelmente mais importante, vimos particularmente as mudanças que se ocorrem nas línguas e mostram-nos formas distintas do PE.

No próximo capítulo vamos olhar para o ensino em Timor-Leste. Já vimos que mesmo que o português não seja falado pela maioria da população, não podemos negar a sua presença no país. Portanto, o que é que faz o governo, para melhorar a posição da língua portuguesa em Timor-Leste?

5. O ensino de português em Timor-Leste

Acabamos de ver a situação linguística em Timor-Leste. Num país onde coexistem duas línguas oficiais, ao lado de dezenas línguas indígenas e dialetos, é preciso fazer uma política correta à luz do uso das línguas. Como vimos, preferir usar línguas diferentes cria um país fragmentado, como mostra a situação em Timor-Leste. Ou seja, como o professor Port, de Indiana University, explica no seu trabalho *Language as a Social Institution: Why Phonemes and Words Do Not Live in the Brain*,

“language is a kind of social institution, that is, a partially structured system of conventions created by a community of speakers and refined over generations. It is a technology developed by a community for coordination of behavior. All of these systems and more comprise the culture of a community. We should think of a language, then, as one part of the culture of a community. All of these systems and more comprise the culture of a community. We should think of a language, then, as one part of the culture of a community” (2010)

Os anos da ocupação portuguesa e indonésia deixaram traços no país, designadamente no uso das línguas. Como já tratamos na primeira parte, a falta duma unidade, ou seja, uma identidade, é indispensável. Um país como Timor-Leste que realmente está no estado primitivo, precisa de criar um plano para realizar esta identidade. Se falássemos das línguas e, sobretudo, o português poderíamos ver em detalhe quais são os métodos ensinados. Com apenas uma pequena parte da população que fala o português, é interessante investigar como o governo estimulava o uso do português antigamente, e como se ocupa deste assunto hoje em dia.

Em seguida vamos a olhar para o ensino da língua portuguesa, em que vamos discutir a estratégia atual.

5.1 Os desenvolvimentos durante anos

Para entender o estatuto do português deveríamos voltar à política do período de colonização portuguesa. Sem falar das especiarias e da madeira de sândalo, que tinham uma vantagem económica, os portugueses não sentiram interesse em Timor-Leste. O facto que as línguas indígenas, as línguas nacionais, sobreviverem a ocupação portuguesa e que nunca fizeram parte dum regime contra os habitantes é um dos exemplos do desinteresse no país. Durante décadas, ocuparam Timor-Leste sem ter uma política para poder beneficiar o país colonizado, até os anos 50 e 60. A atitude

portuguesa mudou a respeito do Timor-Leste, que John Hajek explica no seu artigo *Language Planning and the Sociolinguistic Environment in East Timor: Colonial Practice and Changing Language Ecologies* (2010), assim:

“The political motivation for Portugal’s shift in policy is quite clear: it hoped that linguistic and social acculturation would neutralise rising anti-colonial sentiment in its far-flung colonies. Such sentiment was especially evident in Africa, and was showing incipient signs of developing in East Timor” (2010,p.403).

Portugal, então, tinha necessidade de pôr em segurança esta colónia asiática após anos dum empreendimento generoso. Ia por outro caminho, onde a língua se tornou uma prioridade na nova política. Hajek continua,

“In the first instance, a new language variety, Portuguese, was introduced into the local environment and placed squarely at the top of sociolinguistic hierarchy, with social advancement in East Timor clearly governed by knowledge of Portuguese. Formal domains such as administration, education and to a large degree religious activity were available only in the Portuguese language. In the longer term, its niche at the top, was expected to expand and trickle down the language hierarchy into as many domains as possible- without any thought as to the long-term consequences for the many local languages” (2010,p.404).

Entretanto, não podemos falar de longa duração deste novo empreendimento. Até a decolonização de Timor-Leste, o ensino ainda não foi desenvolvido na forma desejada. Em consequência, a ocupação da Indonésia a partir dos anos 74, interrompeu os planos portugueses. O regime rigoroso proibiu tudo que tinha relação com Portugal, em particular a língua portuguesa. Significava concretamente que a população arriscava a sua vida quando usava o português. A estudante holandesa Carmen Marseille (comunicação pessoal, 24 de Abril 2016), que ensinou a língua portuguesa no ano passado em Timor-Leste explicou que “uma terceira parte da população timorense foi assassinada sob a ocupação indonésia, por ter mostrado resistência ao regime”. Ou seja, Indonésia não queria ter nada com o colonizador anterior. Ela continua: “a geração velha, que passou por muitas coisas, em geral sabe falar a língua portuguesa. Claro, isto aplica-se para os letrados. A nova geração então, que não conhece o tempo pré-Indonésia, não tem os mesmos pensamentos sobre o uso do português.” A ocupação rigorosa pela Indonésia interrompeu a existência e o uso da língua portuguesa, causando que a importância dessa língua varia entre as gerações diferentes.

Ao contrário de Portugal, Indonésia criou programas que deveriam estimular a «Indonesianisation», nos objetivos culturais, políticos e linguísticos. Em conjunto com o programa de ensino, o número de falantes de bahasa Indonésia cresceu rigorosamente dentro de uma década, de 30% em 1980 até 60% em 1990 (Hajek,2010,p.405). Ou seja, nessa altura já haviam mais falantes de bahasa Indonésia do que de português, no tempo da expansão dessa língua. À exceção do Igreja, a língua portuguesa foi substituída totalmente nas escolas, na administração e na média.

A independência de Timor-Leste deixou o país num vazio, a qual precisava dum plano concreto para reconstruir uma nação, uma identidade. Durante anos, a Indonésia implementou o seu poder fortemente através das infra-estruturas, da administração e do ensino; era tempo de reorganizar o país segundo uma política própria. Sob supervisão da Nações Unidas, que estava no país recém-construído para ajudar, um planeamento acerca dos problemas foi feito.

O primeiro passo à frente foi realizado pelo primeiro líder da nação que estava aprisionado pela Indonésia, Xanana Gusmão. Admitiu a Magna Carta, um documento servindo como base por um Constituição Pós-Independência, que retomou a importância da língua portuguesa. Nesta altura foi decidido que o português deveria ser língua oficial, ou seja, a outra língua oficial ao lado do Tétum. (Hajek,2010,p.408). Prontamente, foram tomadas medidas que oficialmente serviram para a reconstrução da identidade Timorense;

- 1.The National Constitution of 2001
2. Government Decree No. 1 of 2004: Orthographical Standard of the Tetum Language
3. Civil Service Law No. 8 of 2004
4. The Language Directive of 2004
5. The Education Policy Framework for 2004–2008 (Taylor-Leech,2008,p.160)

O primeiro tópico correspondeu à Magna Carta; os outros em suma, acentuaram o uso do português e o Tétum como línguas oficiais nos diversos domínios. Quer dizer que gradualmente essas línguas deveriam substituir a bahasa Indonésia, que depois só se utiliza como língua de trabalho.

Um outro acontecimento importante para o país é a afiliação à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), no dia 1 de agosto de 2002, seis anos após a criação da CPLP, escreve Revista Business Portugal (2016). Fazer parte da CPLP significa mais oportunidades para o país, ou seja, como o website oficial do CPLP descreve, que

“A CPLP tem como objectivos gerais a concertação política e a cooperação nos domínios social, cultural e económico. Para a prossecução desses objectivos a Comunidade tem promovido a coordenação sistemática das actividades das instituições públicas e entidades privadas empenhadas no incremento da cooperação entre os seus Estados-membros.”

Entrar uma comunidade desta importância, melhorou a visibilidade do país que a precisava e criou oportunidades para a população poder se desenvolver através da língua portuguesa. Quer no Timor-Leste, quer no estrangeiro. Ou seja, segundo o Estatuto IPLP, uma instituição de CPLP, os objetivos gerais são “a promoção, a defesa, o enriquecimento e a difusão da língua portuguesa como veículo de cultura, educação, informação e acesso ao conhecimento científico, tecnológico e de utilização oficial em fóruns internacionais”, como publicado no artigo *O estímulo ao uso da língua portuguesa em Timor Leste e Guiné Bissau* (2015).

Apesar das medidas tomadas, as diferentes gerações ficaram com confusa em luz da escolha de uma língua de domínio. Não é surpreendente, se pensarmos nas diversas influências linguísticas. No estudo de Taylor-Leech, *Language and identity in East Timor*, participantes timorenses de idade de 18-67 foram entrevistadas para fazer mapa da sua atitude linguística e, sobretudo, até que ponto apoiam a política oficial. Os resultados são os seguintes:

Language Dispositions	Key Informant Discourses	Individual Participant Discourses	Student Focus group Discourses
Portuguese is ...	<ul style="list-style-type: none"> - a part of our history. - enshrined in the Constitution. - an expression of national identity. - a symbol of our struggle. 	<ul style="list-style-type: none"> - a means of access to CPLP and Europe. - the language of our leaders and our elders. - the language that distinguishes us in Asia. 	<ul style="list-style-type: none"> - a language of wider communication. - not always going to be official. - the language of the coloniser. - not a part of our identity.
Tetum is ...	<ul style="list-style-type: none"> - deficient and unready for the modern world. 	<ul style="list-style-type: none"> - in need of modernisation and development. 	<ul style="list-style-type: none"> - an expression of national and social identity.
Indonesian is ...	<ul style="list-style-type: none"> - the language of the invader. 	<ul style="list-style-type: none"> - the language of the invader. 	<ul style="list-style-type: none"> - just another way to communicate.
English is ...	<ul style="list-style-type: none"> - a simple working language. 	<ul style="list-style-type: none"> - useful but not part of our identity. 	<ul style="list-style-type: none"> - useful for international communication.
The endogenous languages are ...	<ul style="list-style-type: none"> - protected by the Constitution. 	<ul style="list-style-type: none"> - safe and vital in their local domains. 	<ul style="list-style-type: none"> - possibly at risk.

Popular discourses of language and identity. Taylor-Leech (2008)

Saliente são as opiniões ligadas ao sentimento da identidade nacional; onde o português é parte da identidade para uma pessoa, mas não é para outra. O bahasa Indonésia, por exemplo, não tem nenhuma importância para ninguém, enquanto que o inglês possa ser visto como útil até certa altura. O esquema mostra grande diversidade em pensamentos entre os três grupos, que é claramente consequência da presença das diversas línguas. Designadamente os estudantes, a geração mais nova, pensam que o português será uma língua que lhes irá trazer mais oportunidades, como o governo quer levar para fora com a sua política. Ao lado disso, dizem que o inglês pode reforçar a comunicação com o estrangeiro, ajudando o contacto com o mundo externo.

O governo, então, teve e ainda tem a missão de estimular o uso da língua portuguesa. Na secções seguintes vamos ver em detalhe como se desenvolveu o ensino em Timor-Leste.

5.2 Dificuldades no ensino

Nesta altura entendemos que a língua portuguesa vai ter uma posição importante no Timor-Leste. A promoção do ensino do português tem então prioridade e precisa de um empreendimento bem construído. Mesmo que possivelmente soe lógico e simples, não é em realidade por presença dos dois grandes envolvimento.

Em primeiro lugar, há as diferenças entre o português e as línguas presentes em Timor-Leste. Neste caso, falamos de diferenças tanto ao nível de funcionamento do próprio sistema- sendo a primeira destas línguas flexional e as outras aglutinantes- como ao nível da conceptualização do mundo efectuado pelos idiomas tipologicamente diferentes levantam muitos problemas no processo de aprendizagem, como mostrado num trabalho de Batóreo, *Ensinar português no enquadramento poliglóstico de Timor-Leste* (2010).

Como já vimos brevemente no capítulo anterior, o Tétum é influenciado pela língua portuguesa. Logicamente, existem também diferenças que no caso do ensino do português podem complicá-lo. Podemos pensar aos verbos na língua Tétum, como por exemplo a falta do verbo «ser», por onde não haja diferença entre «ser» e «estar». Um outro exemplo é a resposta a perguntas na negativa, que é feita pela positiva; ao contrário da negativa como feita em Português. Assim, à pergunta «Não faz comer?», se não pretender comer, o timorense dirá «sim», já que conceptualiza a resposta como: «sim, é verdade que não vou comer», onde o português responderá «não, não vou comer» (Batóreo,2010,p.7).

Em segundo lugar, o país estava exposto à falta dos professores com conhecimento da língua, costumes, cultura e normas timorense. Do início pareceu que a falta dos professores bem preparados complicou o ensino e, ao lado disso, não houve material adequado. Quando os

professores Indonésios saíram após a independência, as instituições escolares ficaram com material velho e os professores que depois chegaram não foram professores com o português como língua materna. “É como aprender Latim, sem ter professores que falam Latim usando livros velhos sem dados suficientes”, assim Marseille.

Ao fim, e provavelmente o tópico mais importante é o grande número dos iletrados no país. Segundo a informação da FEC de 2003, a taxa de analfabetismo afeta cerca de 50% da população. Cerca de 25% das crianças não frequenta a escola, e apenas 1,5% da população possui formação de nível superior, acentua a Fundação Fé e Cooperação (FEC) num artigo [Enquadramento de Timor-Leste].

Tendo em conta as dificuldades mencionadas não parece fácil estabelecer uma nova infraestrutura à luz do ensino, mas é o que o governo e o país precisam.

5.3 Renovação do ensino

Vimos anteriormente que a combinação da atitude linguística, as diferenças linguísticas e a falta dos professores qualificados foi um obstáculo no caminho dum ensino forte. O grande desafio do governo é então estabelecer um programa ou programas, para reintroduzir o ensino em Timor-Leste. Se bem que falássemos particularmente do ensino da língua portuguesa, não deveríamos esquecer que o ensino em geral também tem que ser estimulado. O sistema que existiu durante a ocupação da Indonésia se desmoronou, causando que ensino qualitativo não era possível. Ou seja, melhorar o ensino significa melhorar o ensino em todos seus aspetos. Todavia, o foco neste caso será no ensino do português.

Bendito dos Santos Freitas (2014), Ministro da Educação de Timor-Leste, explica no vídeo ‘Cooperação para a educação em Timor-Leste’, de Canal Futura, que o que o país precisa, em primeiro lugar, são professores que sejam capazes de ensinar segundo as necessidades de conteúdos, no domínio da ciência e dos conteúdos curriculares. Segundo o Ministro tudo começa com uma base estável, da qual se poderia desenvolver um sistema ditoso que deveria ajudar o país.

A importância da participação de CPLP é ainda mais acentuada neste caso, porque o país pode contar com a ajuda dos outros estados membros. Em especial, do Brasil e de Portugal.

Ana Luísa Oliveira, coordenadora-adjunta da Cooperação Portuguesa faz parte do Projecto de Formação de Formação Inicial e Contínua de Professores (PFICP) nas áreas do Ensino Secundário Geral (ESG) e do Ensino Secundário Técnico-Vocacional (ESTV), iniciado em 2012. Esta cooperação multidisciplinar da apoio à reconstrução do sistema educativo de Timor-Leste e à consolidação da Língua Portuguesa como língua de escolarização, como descrito no website de PFICP (2015).

Desde o início do apoio, diversas atividades foram criadas, tanto para ensinar professores, como os alunos. Oliveira explica no vídeo:

“O que nós estamos a fazer aqui é apoiar Timor Leste na reestruturação do ensino, desde o ensino básico até o ensino secundário. Estamos a fazer formação de professores e os formadores; aos professores ao nível inicial e também de formação de nível continua. O grupo de professores portugueses faz esta formação de formadores e supervisiona a formação o grupo de professores” (2014).

Ou seja, o apoio português é focalizado à formação dos professores que, por seu turno, podem ensinar aos estudantes mais tarde. Juntamente disso, ensinam em áreas poucos desenvolvidos.

O Brasil, por seu turno, tem uma relação firme com Timor-Leste, iniciando desde a primeira missão brasileira em 1999. Mais de 100 iniciativas bilaterais foram realizadas no âmbito do acordo básico, como educação, segurança, formação profissional, justiça e administração pública. Os projetos são coordenados pela Agência Brasileira de Cooperação, do Ministério das Relações Exteriores. Como Portugal, tem a educação como uma das áreas prioritárias em que o principal objetivo é o ensino da língua portuguesa. Todavia, o apoio não se encontra só nas aulas. Ainda há elaboração de material didático, adaptação de livros para o Timor-Leste e alfabetização comunitária que resultaram em bons desenvolvimentos no ensino, assim ABC no vídeo *Brasil e Timor Leste: 10 anos de cooperação* em Youtube.

Os dois países então têm os mesmos objetivos, do qual estimular a língua portuguesa tem muita importância. Grupos de professores portugueses e brasileiros em Timor-Leste deveriam resultar na melhoria da língua portuguesa entre os habitantes. Que este assunto não foi um trabalho simples, é mesmo ainda não é hoje em dia, parece dos conflitos em relação às variedades da língua. Segundo Albuquerque (2010a,p.39),

“os alunos encontram-se expostos em sala de aula às variedades do Português Europeu (PE) e do Português Brasileiro (PB); no setor jurídico-administrativo há uma predominância do PB; a população leste-timorense mais velha e altamente escolarizada é

fluyente no PE; a televisão intercala o PE e o PB, enquanto nos demais meios de comunicação verifica-se a presença de PE. Em outras palavras, intercalam-se nas situações linguísticas de Timor Leste ora o PE, ora PB.”

Falamos anteriormente do PTL, a variedade timorense da língua portuguesa. Onde a geração velha provavelmente usa aquela variedade, a nova geração será influenciada pelo PE e do PB.

Um outro obstáculo nesta altura é a expansão da língua pelo ensino. Marseille explica: “Os professores à experiência vêm para Díli, onde os projetos do ensino basicamente estão baseados. Geralmente vivem em outras partes do país. Ficam no capítulo por algum tempo, depois de que voltar para ensinar nas escolas locais.” Em outras palavras, a expansão situa-se na cidade onde apenas uma pequena parte da população vive. Significa que a maioria da população não está em contacto com a língua portuguesa frequentemente; neste caso preferiam usar o Tétum, ou uma das outras línguas nacionais.

Seja como for, após a destruição das escolas pela Indonésia, Timor-Leste precisava de todo o apoio. A implementação dos professores brasileiros e portugueses contribuiu até certo ponto à estimulação da língua portuguesa, ou seja, a consciencialização.

O primeiro passo à volta da língua portuguesa foi tomado, mas o que o significa para o futuro?

PARTE III

Vivo sempre no presente. O futuro, não o conheço. O passado, já o não tenho.
- Fernando Pessoa

6. O futuro para a língua portuguesa no Timor-Leste: extinção ou preservação?

Como membro da CPLP, Timor-Leste beneficia do apoio dos outros estados-membros, como vimos na parte anterior. E demais, a participação na comunidade intensificou o uso da língua portuguesa. Ou seja, intensificou a importância do uso desta língua.

6.1 Um processo lento

Anos depois a independência parece que os esforços para popularizar o português têm sido lentos, parece num artigo publicado em *Brasilpost*:

De acordo com um relatório do Banco Mundial, até 2009, mais de 70% dos alunos submetidos a um teste no final do primeiro grau "não puderam ler uma única palavra" de um texto simples em português, "um péssimo desempenho após 10 anos de esforços." Ao mesmo tempo, deve-se levar em conta que, até recentemente, uma parte da população era analfabeta, embora a maioria das crianças vá para a escola atualmente (Stuenkel, 2014).

Em comparação com a situação no início da independência, podemos notar mudanças e melhoramentos hoje em dia, mesmo que seja um processo lento.

Os esforços das Cooperações Portuguesa e Brasileira a partir de 2000 contribuíram não somente à revitalização da língua portuguesa, mas também à educação em geral. Quando os projetos educativos começaram a atuar em conjunto com o Ministério da Educação, professores receberam formação, crianças e adolescentes melhoraram seus conhecimentos gerais, jovens aprenderam uma profissão ... e milhares de timorenses conquistaram um diploma universitário, assim Canal Futura.

A reconstrução do país, portanto, não só se focaliza à estimulação da língua portuguesa, mas a educação e infraestrutura têm prioridade também. O grande desafio é realizar uma nação fixa com os meios que tem, em termos de finanças, e com o apoio que recebe.

6.2 O papel do governo

O governo tem um papel grande em estimular os timorenses e deveria agir ponderadamente, acha também o linguista e professor universitário Benjamin Corte-Real (2015) : “Hoje o português é um pilar da identidade nacional. E, por isso, faz todo o sentido mais investimentos por parte do Governo timorense.” Também publicado no artigo *Reintrodução da língua portuguesa em Timor-Leste requer mais financiamento* (2015) é a opinião do Ministro da Educação de Timor-Leste, António da Conceição. Investir na educação e no ensino na língua portuguesa é valioso por atingir o objetivo, acentua o Ministro. “Para mais intensificar o uso desta língua iremos, através do Ministério da Educação, desenvolver mais programas de divulgação da língua e através da televisão para que haja igualdade do uso do português entre as cidades e também nas áreas remotas.” O Ministro adere às diferenças do uso pelos cidadãos e dos habitantes das zonas remotas. “Quando estiverem pronto para dar seus próprias aulas, a maioria volta para as aldeias onde vivem, para ensinar outros alunos”. Assim Marseille, que recentemente ensinou timorenses.

Se bem que o governo faça todo o possível para que os timorenses aprenderem e usarem o português, não deveria esquecer o uso no Parlamento. Segundo o OPLOP, *Observatório dos países de Língua Oficial Portuguesa*, os deputados timorenses aprovaram, em outubro de 2010, uma resolução tornando obrigatório o uso da língua portuguesa nas sessões plenárias e nas reuniões das comissões parlamentares, pelo menos uma vez ao mês (2013). Pareceu uma boa sugestão, mas a verdade é que nem sequer todos os deputados dominaram o português. Em consequência disso, a ideia não foi recebida como se esperava: houveram deputados que protestaram. “Eu entendo muito bem que português é língua oficial. Mas temos de ser realistas. Temos de ser honestos e admitir que a maior parte dos deputados não percebe português.”, assim um dos deputados.

O problema em geral, tanto na educação, como no Parlamento é expressado bem no artigo do OPLOP (2013):

“O problema reflete, entre outras coisas, a tímida penetração que a língua possui na sociedade timorense de um modo geral. Embora o artigo 13 da Constituição de Timor-Leste determine que o “tétum e o português são as línguas oficiais da República de Timor-Leste”, na prática a língua portuguesa é utilizada apenas entre a população mais velha, que frequentou o sistema

educacional antes da ocupação da Indonésia.”

Obviamente, se o governo não estimulasse o uso de uma língua oficial numa maneira efetiva, a população dará preferência à outra língua melhor conhecida. Como foi discutido nos capítulos precedentes, os timorenses têm diversas opiniões acerca o uso do português. Pensamentos negativos em termos de “língua de colonizador” ou “não faz parte da identidade” podem evocar um sentimento de *pouco interesse*, ou de *pouca importância*.

O assunto grande do governo então, é despertar o interesse na língua portuguesa. Com o crescimento no ensino, e com isso o conhecimento da população, as oportunidades irão crescer também. O conhecimento da língua portuguesa abre portas para outros países, nomeadamente os da CPLP. De duas línguas oficiais, o português criará oportunidades tanto para o país, como os seus habitantes.

6.3 O futuro

Os projetos diversos e formas de apoio mostram a confiança na língua portuguesa, pelo menos pelo governo. Não só se confia na língua, tendo em vista a importância em áreas diferentes. Sobretudo não quer romper a ligação com o seu passado, que faz parte da identidade timorense. Soares (2014) concluiu no seu artigo:

“Por tudo isto, o linguista australiano Geoffrey Hull considera que o “Português” faz parte da história da nação timorense. A não consideração do Português como a língua oficial, segundo ele, seria um exagerado risco para o futuro desta nação, pois colocaria em causa a sua identidade. E por outro lado, o português é uma língua de destaque no mundo moderno, ou seja, é uma língua internacional, falada por cerca de 200 milhões de pessoas nos cinco continentes. E esta escolha exerce um importante desempenho nas relações de Timor-Leste com o mundo lusófono, o que simultaneamente significa estreitar as relações entre ambos nos diversos domínios: cultural, económico e político.”

A vivacidade e a importância da língua portuguesa não deveriam ser ignoradas: com efeito significa mais do que uma ligação com o passado. É mesmo um ponte ao futuro prometedor.

Conclusão

Vimos nos capítulos anteriores que Timor-Leste passou por acontecimentos movimentados. As ocupações por Portugal e Indonésia deixaram a sua marca na história do país. A ilha pequena, alguma vez despercebida, tornou-se território para colonizadores poderosos. Influências indonésias e portuguesas ocuparam muito espaço na ilha: ficou impossível criar uma identidade própria, uma identidade nacional. Além disso, a presença das várias línguas faladas, ao lado da língua Tétum, em Timor-Leste não o facilitou.

Após a independência da Indonésia em 2002, a ilha estava na hora de reconstruir o país. Indonésia deixou o país totalmente destruído, de infra-estrutura até o ensino. Durante a ocupação dura por Indonésia, grupos de timorenses ficaram a usar a língua portuguesa, como língua de resistência. Não foi surpreendente que o novo governo proclamou o português língua oficial, juntos com o Tétum. Porém, pareceu que os habitantes preferiram usar línguas outras do que o português. O governo deveria agir ponderadamente, deveria tornar a língua portuguesa a língua coloquial.

A participação à CPLP foi um sucesso à estimulação do uso da língua portuguesa. Em consequência disso, Timor-Leste recebeu apoio português e brasileiro no ensino. Mesmo que os esforços tem já pequenos sucessos, em termos do número crescente dos falantes, fica um processo lento.

A situação atual mostra pequenas vitórias. No início deste ano foi anunciado que Portugal estava a contratar professores para enviar a Timor-Leste, nas diversas cidades grandes. Se o governo ficasse em fazer esforço na estimulação no uso da língua, em termos de interessar a população e investimentos efetivos, a língua portuguesa teria futuro no país. Porém, tudo depende da política do governo.

Se dependesse do Presidente timorense, há boa esperança. Considera que a língua portuguesa é “um dos fatores de identidade” timorense e afirma ainda que “Vai levar tempo naturalmente.” Mas não é difícil. Difícil foi a independência. Mesmo assim conseguimos. Porque não o português?”, assim o Presidente (Carlos,2015).

Bibliografia

*nota: a abreviatura “s.d.” significa “sem data”.

- ABC – Agência Brasileira de Cooperação.(5 de junho 2013). *Brasil e Timor Leste: 10 anos de cooperação*. [Youtube]. Consultado de <https://www.youtube.com/watch?v=IVupd5a1nUc>
- Abdurachman, P.(1972). *Some loanwords in the vocabulary of speakers of ambonese malay in christian villages of central Moluccas* (1ª edição). Jacarta, Indonésia: L.I.P.I.
- Albuquerque, D. (2010a). O ensino de língua portuguesa em Timor Leste: Variedades e dificuldades. *Interdisciplinar*, vol 12. P.31-47. Sem doi.
- Albuquerque, D.(2010b). Peculiaridades prosódicas do português falado em Timor Leste. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem (ReVEL)*, vol.8. n. 15. p.270-285
- Albuquerque, D.(2011). O elemento luso-timorense no português de Timor Leste. *ReVEL*, vol.9.n.17 p.226-243.
- Araújo, V. de. (s.d.) O Português em Timor-Leste e os seus desafios. Consultado de <http://valentedearaujo-untl.blogspot.nl/2009/08/o-portugues-em-timor-leste-e-os-seus.html>
- Batóreo, H. (2010) Ensinar português no enquadramento poliglóstico de Timor-Leste. *Palavras*, vol.37. p.7
- Boxer, C. (2002). *João de Barros: Humanista Português e Historiador da Ásia* (edição portuguesa). Porto, Portugal: Humbertipo
- Canal Futura. (9 de março 2015). *Cooperação para a educação em Timor-Leste* [Youtube] Consultado de <https://www.youtube.com/watch?v=EKRh7Ad9lhY>
- Cardeira, E. (2006). *O Essencial sobre a história do português* (1ª edição). Lisboa, Portugal: Editorial Caminho
- Carlos, J.(4 dezembro 2015). *Reintrodução da língua portuguesa em Timor-Leste requer mais financiamento*. Consultado de <http://www.dw.com/pt/reintrodu%C3%A7%C3%A3o-da-l%C3%ADngua-portuguesa-em-timor-leste-requer-mais-financiamento/a-18893035>
- Carvalho, M.(s.d.), *Timor Lorosa'e, características das Línguas Crioulas e do Português conservado na zona — Contribuição para a Língua oficial na zona — Contribuição para a Língua oficial*. (paper universitário). Consultado de [http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/355/1/Des\(a\)fiando%20Discursos221-235.pdf.pdf](http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/355/1/Des(a)fiando%20Discursos221-235.pdf.pdf)
- Costa, L. (2001). *Guia de Conversação Português-Tétum* (1ª edição). Lisboa, Portugal: Edições Colibri

- Cristovão, F., Amorim, M., Garcia, M., Brites, S. (2005) *Dicionário temático da Lusofonia* (1ª edição). Lisboa, Portugal: Texto Editores, LDA.
- Cunha, C., Cintra, L. (2010). *Nova gramática do português contemporâneo* (edição 19). Lisboa, Portugal: Edições João Sá da Costa, LDA
- [Descrição de PFICP]. (26 de maio 2015). Consultado de <http://www.pficip-esg-estv.com/>
- [Enquadramento de Timor-Leste]. (s.d.). Consultado de http://www.fecongond.org/projectos_timor.asp
- Fausto, B. (2006). *A concise history of BRAZIL*. (1ª edição). New York, Estados Unidos: Cambridge University Press
- Hajek, J. (2010). *Language Planning and the Sociolinguistic Environment in East Timor: Colonial Practice and Changing Language Ecologies*. *Language planning*, vol 1:3. P.403-404. doi 10.1080/14664200008668014
- Lopes, D. de Matos, L. (1936) *A expansão da língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII* (1ª edição). Barcelos, Portugal: Portucalense Editora
- Lutz, N. (1995). *Colonization, Decolonization and Integration: Language Policies in East Timor, Indonesia* (paper universitário). Consultado de <http://www.ci.uc.pt/timor/language.htm>
- Mateus, M., Villalva, A. (2006). *O Essencial sobre linguística* (1ª edição). Lisboa, Portugal: Editorial Caminho
- [Objetivos de CPLP]. (s.d.) Consultado de <http://www.cplp.org/id-2763.aspx>
- [O estímulo ao uso da língua portuguesa em Timor Leste e Guiné Bissau]. (s.d.). Consultado de <http://www.oplop.uff.br/boletim/3373/estimulo-ao-uso-da-lingua-portuguesa-em-timor-leste-guine-bissau>
- OPLOP (2013). *Timor-Leste: língua portuguesa volta a ser utilizada no Parlamento*. Consultado de <http://www.oplop.uff.br/boletim/2418/timor-leste-lingua-portuguesa-volta-ser-utilizada-no-parlamento>
- Pires, R. (2013). Sobre Lusofonia. *Verbum-Cadernos de Pós-Graduação*. n.5.p.4-15.
- [Português no mundo]. (s.d.) Consultado de <http://www.soportugues.com.br/secoes/portuguesMundo.php>
- Ramerini, M. (s.d) Portuguese language heritage in Asia. Consultado de <http://www.colonialvoyage.com/portuguese-language-heritage-asia/>
- Revista Business Portugal. (2016). ACPLP e a República Democrática de Timor-Leste em Portugal. *Revista Business Portugal*. (versão online). Consultado de <http://revistabusinessportugal.pt/a-cplp-e-a-republica-democratica-de-timor-leste-em-portugal/>
- Santos, I. (2013, junho). Variedades do português. Aula em junho, consultada de <https://inforestudante.uc.pt/nonio/security/login.do>

Salek, S. (2002, 4 de novembro). "Português está desaparecendo em Macau". *BBC BRASIL*.

Consultado de http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020926_chinamacaurui.shtml

Soares, R. (2014). "A Língua Portuguesa em Timor-Leste no âmbito da CPLP" IILP wordpress.

Consultado de <https://iilp.wordpress.com/2014/04/12/a-lingua-portuguesa-em-timor-leste-no-ambito-da-cplp/>

Stuenkel, O.(2014). O português sobreviverá no Sudeste da Ásia? Consultado de

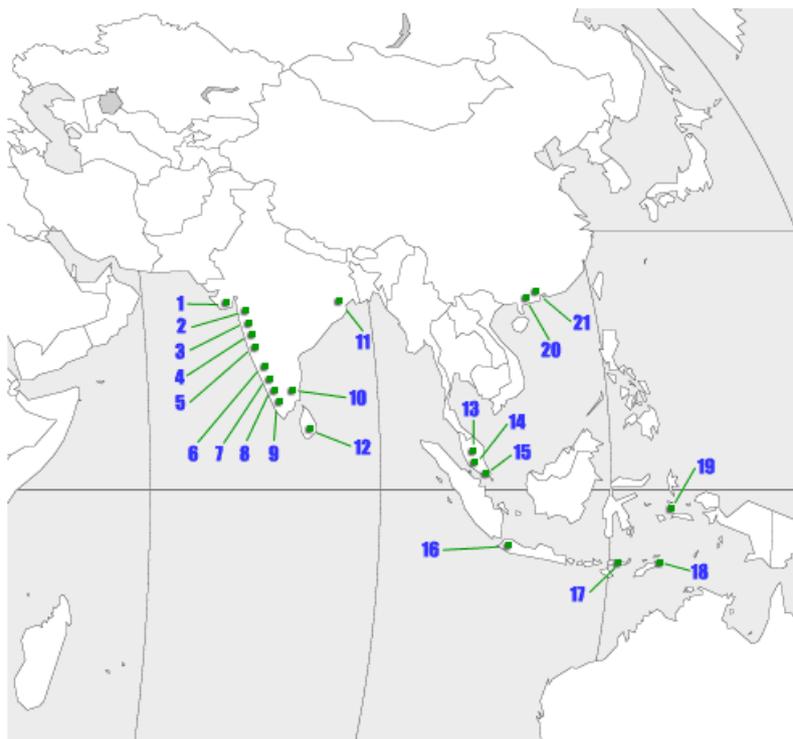
http://www.brasilpost.com.br/oliver-stuenkel/portugues-sudeste-asia_b_5566313.html

Taylor-Leech, K.(2008). Language and identity in East Timor. *Language problems and language planning*. Vol.32:2 (153–180). doi 10.1075/lplp.32.1.04tay

Anexos

Anexo 1 – Crioulos de base portuguesa:Ásia

CVC Instituto Camões[imagem]Consultado de <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/geografia/mapa04.html>



LEGENDA

Crioulos Indo-Portugueses

- 1 Diu *
- 2 Damão
- 3 Bombaim *
- 4 Chaul * e Korlai
- 5 Goa *
- 6 Mangalor *
- 7 Cananor *, Tellicherry e Mahé *
- 8 Cochim * e Vaipim *
- 9 Quilom *
- 10 Costa do Coromandel *
- 11 Costa de Bengala *
- 12 Sri-Lanka (Ceilão)

Crioulos Malaio-Portugueses

- 13 Kuala Lumpur *
- 14 Malaca Papiá Kristang
- 15 Singapura *
- 16 Java (Batávia e Tugu) *
- 17 Flores (Larantuka) *
- 18 Timor Leste (Bidau) *
- 19 Ternate *, Ambom * e Macassar *

Crioulos Sino-Portugueses

- 20 Hong Kong *
- 21 Macau * Macaísta *

* Extinto ou em extinção